



# DOSSIÊ

## Literatura Hispano-Americana

organizado por  
Ana Lúcia Trevisan  
Cristine Fickelscherer Mattos

# APRESENTAÇÃO – LITERATURA HISPANO- -AMERICANA CONTEMPORÂNEA: IMAGINANDO FATOS, DOCUMENTANDO FICÇÕES

---

Os artigos apresentados no dossiê “Literatura hispano-americana contemporânea: imaginando fatos, documentando ficções” compilam relevantes reflexões críticas a respeito de indagações inerentes aos estudos literários da atualidade. Tecem considerações envolvendo os limites, nem sempre tangíveis, entre a construção dos discursos literário e histórico. Contemporaneamente, os questionamentos sobre as fronteiras do factual e do ficcional tornaram-se um caminho analítico revelador dos pressupostos fundamentais desses mesmos discursos – como o comprometimento com a veracidade e com a ficcionalidade – devido ao diálogo implícito e inevitável entre fatores de suas bases construtivas.

No contexto dessas considerações, o horizonte dos estudos literários, com seus amplos diálogos estético-discursivos, vislumbrou nas produções literárias contemporâneas e em suas análises críticas um caminho alternativo para pensar fatos históricos, políticos e sociais ocorridos no continente americano. Percorrendo os meandros das obras estudadas nos artigos desse dossiê, percebemos que a literatura, tantas vezes, pode ser uma voz privilegiada nos intrincados caminhos da construção crítica da realidade.

A riqueza da literatura contemporânea dos países hispano-americanos, reconhecida internamente e mundo afora, já levou muitos a se perguntarem sobre as razões de tal concentração de obras de grande valor estético. Nesse sentido, vale recordar a reflexão do escritor Carlos Fuentes em seu discurso na cerimônia de outorga do Prêmio Cervantes de 1987. Ao ponderar sobre a atuação do escritor na América Latina, o mexicano atribui-lhe o papel de nomeador e, por isso mesmo, um possível responsável pela criação das faces da América: “¿Quién es el autor del Nuevo Mundo? Somos todos nosotros: todos los que lo imaginamos incesantemente porque sabemos que sin nuestra imaginación, América – el nombre genérico de los mundos nuevos – dejaría de existir” (FUENTES, 1988, p. 51). Com isso, observa-se que o valor atribuído por Fuentes ao ofício de escritor na América Latina está relacionado ao trabalho de um sujeito-nomeador,

que, ao nomear, cria, inventa e, ao mesmo tempo, elabora as possibilidades de compreensão da realidade do Novo Mundo e interpreta a sua história. Fuentes, em inúmeros textos críticos, insiste na ideia do uso da linguagem como meio de construção de uma identidade latino-americana. Conjugando habilidade criativa com a língua ao substrato de diversidade cultural decorrente da colonização, os escritores são os protagonistas dessa construção.

Ao longo de todo o período pós-independências, e ainda no século XX, indagar-se a respeito da identidade cultural nos países hispano-americanos foi trabalho constante de criação, no sentido atribuído por Fuentes, mas também de recriação dos discursos coloniais herdados. No intuito de criar e recriar, amplas possibilidades imaginativas aliaram-se a experimentações linguísticas para desafiar as convenções de referencialidade e os parâmetros de compreensão do real. O afã nomeador dos escritores, intensificado pela busca identitária, coincide, a partir da segunda metade do século XX, dentro de um mesmo *Zeitgeist*, com ponderações teóricas nas áreas do conhecimento, envolvidas com a análise dos fatos, como o são a historiografia e o jornalismo. A própria noção de realidade foi redimensionada por outras tantas teorias ocupadas com o exame dos processos de percepção e leitura do real.

O amadurecimento da perspectiva analítica sedimentada por conclusões advindas de teorias como a Semiótica, a Análise do Discurso e uma concepção sociointeracionista da linguagem em geral reforçou o olhar relativizador de paradigmas epistemológicos basilares da história (e de seus campos vizinhos da sociologia e da antropologia), da literatura e do jornalismo. Espraíram-se por todos esses campos as ponderações sobre os processos envolvidos na apreensão dos fatos ou eventos e a própria noção de realidade, posto serem os elementos percebidos sempre resultado de uma possibilidade de leitura, que é inevitavelmente subjetiva e histórica, assujeitada pelos intrincados jogos discursivos e ideológicos em que se inserem todos os processos de comunicação e significação.

A literatura, para além de seu papel de inventar mundos alternativos, apresenta nuances temáticas que oferecem a cada leitor uma provocação de leitura do real que, atuando em seu imaginário, remove, por vezes, a impermeabilidade de certos pontos de vista. Ao conteúdo necessariamente aberto das comunicações artísticas, como o apontou Umberto Eco, corresponde – de maneira crescente a partir das vanguardas artísticas – um trabalho de colaboração de leitura para o estabelecimento do sentido. Na literatura não será diferente, e do exercício de montar ou desmontar um texto literário surgirá cada vez mais um questionamento mais amplo: percebe-se que o tecido do real, repleto de interdiscursos, também exige um esforço contínuo de desvendamento e leitura. Os experimentalismos estético-literários da primeira metade do século XX levaram a ponderações de cunho fenomenológico de fatos e realidades na segunda metade do século, entendidos então como construções discursivas do olhar que, invariavelmente, configuram-se como uma forma de percepção e leitura possíveis dentro de um amplo e intrincado espectro de possibilidades discursivas relacionadas a ideários e mentalidades.

Próximo ao final do século, os questionamentos encontraram terreno fértil para desenvolver-se junto à já tradicional prática imaginativamente nomeadora dos latino-americanos e junto à diversidade cultural deixada pelo passado colonial. Na América Hispânica, um *boom* editorial deu ainda força à produção literária e reafirmou o papel criativamente questionador dos escritores. Consagraram-se

muitos nomes, como os de três dos autores contemplados por este dossiê: José Donoso (Chile, 1924-1996), Reinaldo Arenas (Cuba, 1943-1990) e Gabriel García Márquez (Colômbia, 1927-2014), laureado com o Nobel em 1982.

A consciência dos processos discursivos e o questionamento relativizador de paradigmas ocasionaram, no período finissecular mundial, uma crescente produção e valorização de gêneros literários de fronteira: o canônico romance histórico ganhou novos contornos e confundiu-se com a prática jornalística no *new journalism*; os limites fluidos entre o factual e o ficcional originaram também o romance biográfico ou a biografia romanceada, a chamada literatura de testemunho e, por último, a autobiografia de índole ficcional, nomeada autoficção.

Na América Hispânica, o diálogo constante e o produtivo intercâmbio entre escritores e obras permitiram que o legado anterior tingisse as práticas literárias mais atuais com os olhares herdados da criação/recriação de seus já consagrados autores em âmbito continental. O realismo mágico de García Márquez, os pesadelos existenciais de Donoso, a metaficção historiográfica de Arenas e a metafísica temporal de Borges, para ver alguns exemplos – os três primeiros, não por acaso, também presentes em artigos deste dossiê –, fazem-se sentir em obras complexas e fronteiriças com as de Héctor Abad Faciolince e María Amparo Escandón, ambos igualmente contemplados neste volume.

As estratégias discursivas utilizadas pelo escritor chileno José Donoso em suas obras postuladas como autobiográficas são motivadoras das reflexões propostas no primeiro artigo do dossiê: “Conjeturas, memorias y un autor”, de Liliana Patricia Marlés. Nesse estudo, observam-se os elaborados processos de escritura nas narrativas ficcionais, nos ensaios de crítica literária e nas crônicas jornalísticas do autor chileno. Os diálogos entre a ficção e os registros históricos revelam uma singularidade excepcional em obras como: *Conjeturas sobre la memoria de mi tribu* e *Historia personal del boom*. Na análise pontual da obra *Conjeturas sobre la memoria de mi tribu*, surgem questionamentos diversos a respeito da formulação de uma escritura autoficcional que conjuga os dados factuais da vida do autor e as proposições ficcionais, bem como resgata personagens fictícios de outros textos, como os do romance *El obsceno pájaro de la noche*.

A literatura surge como caminho reflexivo e contestador no artigo “Os desenganos da história: a América de Simón Bolívar em *El general en su laberinto*”, de Wellington Ricardo Fioruci. Nele são analisados os meandros da construção do romance histórico latino-americano como uma forma de resistência, na medida em que revisitam os discursos históricos monossignificativos e legitimadores de poderes dominantes do *status quo*. A análise do romance *El general en su laberinto*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, revela o seu elaborado resgate das dimensões humanas e contraditórias na figura histórica de Simón Bolívar, por meio da construção de um espelhamento entre sua trajetória e os caminhos do continente latino-americano, reveladores de um debate latente a respeito de pluralidades culturais e paradoxos políticos.

A construção do relato jornalístico, bem como seu comprometimento com a veracidade, é analisada no artigo “Discursos e decursos narrativos em *Relato de um naufrago*, de Gabriel García Márquez”. As autoras Cristine Fickelscherer de Mattos e Ana Lúcia Trevisan estudam, a partir da sobreposição discursiva de relatos jornalísticos, a estrutura em palimpsesto presente na obra *Relato de um naufrago*, juntamente com seu já consagrado estatuto literário. Entendendo que a forma de narrar os fatos surge como um elemento definidor dos sentidos

do processo de composição e recepção do discurso, seja ele literário, jornalístico ou historiográfico, discute-se como a obra põe em jogo processos de reconfiguração de *frames*, acionados pela memória de textos anteriormente conhecidos a respeito do mesmo acontecimento, para alterar e relativizar certas leituras dos fatos.

As formas discursivas associadas à memória, os paradoxos temporais inerentes à rememoração e as inovações metaficcionais e literárias do gênero autobiografia são analisadas por Carla Carolina Moura Barreto e Tatiana da Silva Capaverde nas três histórias que compõem o livro *Traiciones de la memoria* (2009), do autor colombiano Héctor Abad Faciolince. As fronteiras diluídas entre o fato vivido e o discurso da lembrança, entre o evento passado e seu resgate presente, levam à dinâmica pós-moderna da autoficção, que, como apontam as autoras, faz com que o leitor dessa obra experimente ambígua avaliação a respeito da veracidade ou da ficcionalidade daquilo que o autor e o narrador contam sobre sua vida. Com base nas reflexões teóricas sobre o gênero autoficção, nas ponderações filosóficas e históricas sobre a memória e a história, as autoras examinam o fragmentado trabalho abadiano para chegar a importantes conclusões sobre o sujeito na mencionada obra do autor colombiano.

Os dois últimos artigos do dossiê versam sobre a obra do cubano Reinaldo Arenas. No penúltimo, Antônio Martínez Nodal e Adriana de Borges Gomes examinam o seu conto “La torre de cristal”, escrito em 1986 e publicado em 1995. De sugestivo teor autobiográfico, o texto dialoga alegoricamente com a difícil situação de vida em que se encontrou o autor, como exilado, devido a perseguições de cunho político e homofóbico. A tematização, contudo, dos elementos biográficos, não ficcionaliza fatos travestindo-os de realidade, como no caso da autoficção, mas, ao contrário, apresenta-se por meio do insólito para tingir de subjetividade existencial e de estranheza real a situação do exílio autoral.

No outro artigo sobre Arenas, Jorge Luiz Ribas analisa a sua mais famosa obra: *O mundo alucinante*, escrita e publicada em 1966 e republicada mais tarde com alterações. A meio caminho entre a biografia e a sátira, entre o fantástico e o histórico, o texto se ocupa da trajetória da figura histórica do dominicano Frey José Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra (1763-1827). O trabalho aqui apresentado descortina, nas entrelinhas da narrativa da vida prodigiosa desse protagonista histórico, em meio a destacadas contradições narrativas entre o factual e ficcional, a presença discursiva da nação cubana e o diálogo do autor com os valores fundacionais do nacional, com os estereótipos pátrios cubanos, bem como com seu contexto histórico revolucionário.

Integra o nosso dossiê, com exclusividade, entrevista concedida pela escritora mexicana María Amparo Escandón à pesquisadora Daniele Aparecida Pereira Zaratín. O sucesso estrondoso de sua primeira obra – *Santitos* (1998) – lançou para o mundo seu rico e inovador trabalho, repleto de experimentações linguísticas junto a uma original incorporação do realismo mágico. Ao longo de profícua conversa, são apontadas questões fundamentais desse e de outros textos seus, como: a literatura de autoria feminina e os dramas femininos por ela retratados; a ambígua relação entre o histórico e o literário em textos que enfocam problemas sociais dos imigrantes por meio do gênero fantástico; e os traços testemunhais de seu trabalho, que procura dar voz aos que não têm espaço social de interlocução. A entrevista com Escandón deixa-nos entrever que, tematizando a vida na fronteira entre México e Estados Unidos, sua obra também se

## DOSSIÊ

faz nos limites entre o ficcional e o factual, o literário e o sócio-histórico. Reforçando ainda mais o trabalho com o fronteiroço, mas agora nas fronteiras dos meios, a autora comenta sobre sua atuação como roteirista, adaptando suas próprias obras para o cinema.

Ana Lúcia Trevisan  
Cristine Fickelscherer de Mattos  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)